

VISÃO DO CORREIO

A largada da COP30

Cercada de muita expectativa e dúvidas sobre o sucesso de seu propósito, a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas entra na reta final. O presidente Lula chegou a Belém ontem para dar início ao papel de anfitrião do encontro que tem uma difícil missão: obter um entendimento entre as nações a fim de evitar o colapso ambiental em escala planetária. A começar pela escolha da sede — Belém recebeu R\$ 5 bilhões em obras de infraestrutura —, o Brasil busca sensibilizar o mundo sobre o momento crítico que a humanidade enfrenta.

Ainda em fevereiro deste ano, o presidente Lula ressaltava o debate que precisa ocorrer na capital paraense. “Nós queremos discutir seriamente. Vão financiar ou não? Na COP de 2009, eu era presidente. Lá os países prometeram 100 bilhões de dólares (...). Não deram. Depois, prometeram 300 bilhões. Não deram (...). Fica cada vez mais difícil”, comentou o chefe do Executivo.

Passados oito meses desde essas declarações, o desafio financeiro é patente no Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF, na sigla em inglês). Destinado para remunerar países que atuam pela preservação de patrimônios ambientais como a Amazônia, o TFFF será abordado no próximo dia 6, quando o presidente Lula abrirá a plenária em Belém e dará seguimento às sessões temáticas. Para não ficar apenas no discurso, o governo brasileiro fez um gesto em setembro: durante a participação na Assembleia Geral da ONU em Nova York, Lula anunciou o aporte de US\$ 1 bilhão no Fundos das Florestas. A expectativa é de que se chegue a um montante de US\$ 25 bilhões até a conclusão dos debates em Belém.

Na última sexta-feira, os organizadores da COP30 anunciaram a participação de 143 delegações entre os 198 países signatários de tratados internacionais relativos à crise climática. As ausências dos Estados Unidos e da Argentina

já foram devidamente informadas, em um sinal das divergências profundas que marcam o debate sobre a crise climática.

Mas, em meio a tantas discordâncias, é possível ver iniciativas promissoras. Registre-se, por exemplo, a busca pela sinergia entre meio ambiente e atividades econômicas estratégicas, como o agronegócio. Um exemplo é a mobilização da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Na sexta-feira, a empresa pública entregou ao presidente da COP30, embaixador André Corrêa do Lago, o documento “Contribuições Embrapa para o Mutirão Global contra a Mudança do Clima”. Trata-se de um trabalho robusto, realizado por mais de 1.300 participantes, com propostas para a produção do baixo carbono e adaptação da agropecuária às mudanças climáticas. Eis um exemplo que reforça o princípio basilar da COP30: sustentabilidade e desenvolvimento econômico são não apenas compatíveis; são necessários.

É importante frisar que, apesar de ocorrer no coração da Amazônia, a COP30 também precisa ser vista como um passo essencial para a sustentabilidade de outros biomas. Razões científicas amparam esse alerta, como ressaltou a bióloga Mercedes Bustamante, uma das maiores especialistas no Cerrado, em entrevista ao **Correio**. “O Cerrado é fundamental para a estabilidade ambiental do Brasil e da América do Sul, e sua proteção deve ser uma prioridade na COP30. Estamos falando da savana tropical mais biodiversa, berço de oito das 12 regiões hidrográficas brasileiras”, diagnosticou.

Na capital paraense, o Brasil espera que “a Amazônia fale para o mundo”, para usar uma expressão do presidente Lula. O sucesso ou fracasso da cúpula não poderá ser creditado ao anfitrião, mas aos conjunto de atores — presentes e ausentes. Trata-se de um desafio que se impõe para as próximas gerações, a fim de interromper a espiral de agressões contra o planeta.



ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

Rigor contra tráfico e milícia

De novo, a imagem fortíssima de uma mãe em prantos, o recorte simbólico de uma fila absurda de mortos. Nunca antes tantos mortos. Mas sempre a colheita de uma safra que cresce à revelia, praga resultante da falta de políticas públicas de segurança e de assistência social do Estado nas favelas e comunidades, deixando-as à mercê do tráfico, das milícias e do crime organizado.

Muito se falou sobre a letalidade da operação do governo Cláudio Castro, que parou o Rio de Janeiro e deixou um saldo de mais de 120 mortos, entre eles quatro policiais. Muitos corpos resgatados pela própria comunidade, executados sem chances de julgamento. Famílias órfãs e uma dor dilacerante, coletiva e injustificável. O fato de haver pessoas com extensa ficha criminal entre mortos não alivia o sofrimento, nem justifica qualquer abuso promovido pelo Estado.

De quem é a culpa? Teríamos uma lista imensa, incluindo um rol de políticos que insiste em não olhar para os problemas de segurança sem associá-los à geografia da pobreza e à população já tão marginalizada. Como se morar no morro fosse aceitar o risco. Como se aceitar o risco fosse uma escolha possível a tantos. Como se naturalizar as mortes nas favelas fosse colocar o problema num cercadinho e ele lá ficasse, restrito a quem tem os direitos à dignidade, ao estudo, à moradia e à liberdade de ir e vir negados.

Todos nós sofreremos as consequências disso, embora boa parte da população ignore que também somos responsáveis. Preconceito e omissão matam. Não estamos em guerra, embora a matança seja equivalente a uma ou mais

Somadas, tais operações empilham mortos, entre eles inocentes, e deixam um flagelo de dor e trauma sobretudo a uma população tão vulnerável. E tudo isso sem produzir soluções.

Chama a atenção a voz potente da deputada federal Benedita da Silva, que morou 57 anos no morro, denunciando a prática contumaz de violar as comunidades e produzir orfandade de pais e filhos. Por que ela e tantos mais não são ouvidos? É simples. Não há interesse em descentralizar riqueza, em investir na juventude preta e pobre.

O deputado federal Otoni de Paula (MDB-RJ) também fez contundente depoimento na tribuna da Câmara dos Deputados ao comentar que entre os mortos estavam filhos de membros da sua igreja. “Só de filho de gente da igreja, eu sei que morreram quatro. Meninos que nunca portaram fuzis, mas estão sendo contados no pacote como se fossem bandidos”. “Negro correndo descalço na favela em dia de operação é bandido”, critica ele.

Não é difícil sentir a dor das mães da Penha, do Alemão, da Candelária, de Acari, do Carandiru, dos policiais mortos. Mas é mais fácil decidir esquecê-las e seguir a vida protegido por vendas. O problema não vai sumir; a dor delas também não.

Sem vontade política, sem investimento real em inteligência e sem equipamentos públicos, culturais e sociais nas favelas, sem as leis mais severas que asfixiem o crime organizado e seus financiadores, a insegurança, o tráfico de drogas e a ação das milícias continuam fortes. A nós, resta o voto certo. É a quem tem o mínimo de empatia, o resgate dos valores que nos constituem como seres humanos com direitos iguais, entre eles o mais básico: a vida.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Direita x Esquerda

Segundo Norberto Bobbio, grande filósofo político e escritor italiano, “direita e esquerda é uma banal metáfora espacial”. Na linguagem religiosa, os bons se sentam à direita do Pai, os maus, à esquerda. Na linguagem política, os bons e os maus podem ser encontrados tanto à direita quanto à esquerda. O Brasil está sofrendo, há algum tempo, com essa divisão que só tem prejudicado o país, em todos os sentidos. Na verdade, ambos, direita e esquerda, fizeram no passado atos que precisam ser esquecidos. De nada adianta ficar levantando, agora, o tapete para mostrar a sujeira de um passado remoto. Se o país precisa ser pacificado, e está precisando urgentemente disso, porque está completamente dividido, a melhor coisa a fazer é apagar completamente os delitos cometidos por ambos os lados. O povo está cansado desse embate que não leva a lugar nenhum.

» **Marcus A. Minervino**
Lago Sul

Drogas e sons

Nos anos de 1960, quando as drogas começaram a surgir no Rio de Janeiro, o consumo era glamourizado, consumido nas altas rodas. As drogas não desceram dos morros. As drogas subiram os morros. No Distrito Federal, vemos e ouvimos os abusos de sons altos automotivos e nos comércios tolerados de forma complacente pelas autoridades que deveriam reprimir.

» **Gilvan da Silva Gadelha**
Ceilândia

Falência do presidencialismo

Tempos para recordarmos a célebre frase do Dr. Ulysses Guimarães: “Está achando ruim essa composição do Congresso? Então espera a próxima: será pior. E pior, e pior...”. Pois bem, por mais contraditório que possa parecer, podemos ficar tranquilos: o sistema presidencialista não tem a menor chance de dar certo. Retomando a notável citação, isso ocorre em razão da falta de compreensão de que é o parlamento nacional o responsável pelas

legislações nacionais e pela aprovação, ou não, das principais ações do Poder Executivo. O famoso presidencialismo de coalizão até funcionou em outros tempos. Na atual conjuntura, em que os membros do Congresso Nacional controlam aproximadamente um quarto do orçamento discricionário da União — diga-se de passagem, recursos utilizados sem a mínima estratégia de desenvolvimento nacional e, por vezes, de forma não republicana — tornou-se insustentável nosso atual sistema de governo. A implementação do parlamentarismo é a maneira mais eficaz de tornar visíveis os verdadeiros responsáveis pela condução do Estado. No sistema em que o chefe de governo é formado por uma maioria parlamentar, as obstruções legislativas ao Executivo — que, na verdade, são contra o povo brasileiro —, caso ocorressem, seriam uma autossabotagem. Obviamente, precisamos avançar na reestruturação dos partidos.

» **Daniel Cunha**
Águas Claras

Assemelhados

A extrema-direita brasileira quer o enquadramento das organizações criminosas (Orcrim) na categoria de terroristas. As Orcrim se assemelham mais às máfias do que a grupos terroristas. Seus tentáculos chegaram a áreas “nobres” da sociedade brasileira. Exemplos são muitos: Faria Lima, ALERJ, câmaras municipais, magistrados, desembargadores, empresas privadas e tantos outros casos. O México tem o Cartel de Sinaloa, o Cartel de Jalisco Nueva Generación (CJNG), o Cartel do Golfo e Los Zetas. Nem por isso seus congressistas e políticos pedem seu enquadramento como terroristas. Os Estados Unidos têm a Cosa Nostra americana (máfia italo-americana), gangues de rua, como os Crips e os Bloods, e grupos radicais e milícias em operação, como os Oath Keepers, Proud Boys e Three Percenters. Os dois primeiros estiveram envolvidos no ataque ao Capitólio, o que facilmente poderia qualificá-los como terroristas, mas receberam o perdão presidencial do seu maior simpatizante: Donald Trump.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Os serviços de manutenção dos cemitérios do DF precisam melhorar. O pagamento da taxa de manutenção não está trazendo resultado satisfatório.

Marcos G. Figueira — Sudoeste

O crime organizado existe no Brasil desde 22 de abril de 1500. Parece que descobriram agora.

Abrahão F. do Nascimento
— Águas Claras

Disputar narrativas sobre 121 mortes é transformar tragédia em estratégia. O debate sobre a segurança pública não pode ser travado por quem só enxerga votos onde há vidas.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Em menos de um mês, a chacina ocorrida no Rio de Janeiro estará esquecida.

Luíza Oliveira — Asa Norte

Para amenizar as críticas, políticos e governos anunciam medidas para combater facções. É mais um engodo. O crime organizado vive dando olé nas instituições de Estado e seus líderes gozam de uma vida nababesca.

Flávio Ferreira — Asa Sul

Os empresários do agronegócio insistem em desmatar o Cerrado. O potencial hídrico do bioma está encolhendo. Como cultivar grãos e saciar a sede do gado? É a pergunta do momento.

Paula Oliveira — Cruzeiro

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61)99555.2586 Whatsapp.

ANJ WZ
Associação Nacional de Jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br